

DRAMATURGIAS DO TEMPO

Hilda & Caio

por Kiko Rieser

2021. dramaturgias
em processo

**PRCEU**
projetos de cultura
e extensão universitária


TUSP
Teatro da USP

Kiko Rieser escreveu e dirigiu Amarelo Distante, A Vida Útil de Todas as Coisas (diversas indicações no Prêmio Aplauso Brasil) e o infantil O que Fica das Pessoas que Vão. Dirigiu Capitu, Olhos de Mar, A Dama da Noite, Quando as Máquinas Param, Fôlego e, em parceria com Cristiano Tomiossi, o infantil Braguinha: Sons, Canções e Histórias (4 indicações no Prêmio São Paulo). Também produziu vários desses espetáculos, além de Cabarezinho, Consertando Frank (indicado a melhor espetáculo Prêmio APCA), Volpone, Moinhos e Carrosséis, A Cabala do Dinheiro, Esperando Godot (Grupo Garagem 21, indicado ao Prêmio Shell 2017 de Figurino) e Brian ou Brenda? Produziu também o livro Amor ao Teatro, críticas de Sábato Magaldi, finalista do Prêmio Jabuti 2015. Em cinema, escreveu e dirigiu o curta-metragem Deixe a Porta Aberta ao Sair (com Lucélia Santos e João Victor D'Alves). É autor de Lapsos (poemas, Ed. Patuá, 2017) e Átimo (romance, Ed. Instante, 2018).

Esta é uma das 14 DRAMATURGIAS EM PROCESSO, selecionadas na 1ª edição do programa do TEATRO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, realizada entre março e junho de 2021.

LOCAL:

Casa do Sol, residência de Hilda Hilst em zona rural de Campinas. A casa tem estrutura parecida com a de um mosteiro, com espaços amplos, pátios internos, passagens em arcos, longos corredores, piso de lajotas e poucos móveis de madeira. É importante que o cenário instaure a atmosfera monacal do lugar e situe uma sala de estar, onde, num canto, esconde-se um maquinário que depois se revelará a estrutura de gravação que Hilda usa para seus experimentos de transcomunicação instrumental.

TEMPO:

A peça se passa no início da década de 70 e sua ação transcorre ao longo de poucas semanas.

PERSONAGENS:

HILDA HILST, na casa dos quarenta anos, vestindo com simplicidade uma bata azul, cabelo preso em coque com fivela e nenhuma maquiagem, e CAIO FERNANDO ABREU, em seus vinte e poucos anos, alto e macérrimo, com voz de início aguda e algo adolescente, trajado entre o coloquial e o esotérico, com uma calça jeans, camisa com estampa discreta e anéis chamativos.

AÇÃO:

Esta peça é uma obra ficcional criada a partir de personagens e episódios reais. A narrativa aborda fundamentalmente um período em que Caio foi hóspede de Hilda na célebre Casa do Sol, o que realmente aconteceu. Há, no entanto, a fusão de pelo menos dois momentos em que o escritor se hospedou ali, em 1969 e depois em 1973, pouco antes de partir para a Europa em exílio voluntário, onde passou cerca de um ano. Alguns episódios, como a súbita mudança de voz do escritor, correspondem fielmente à época e ao local retratados. Outros foram deslocados no tempo para condensar as experiências e o trabalho dos dois autores. Quase todos os diálogos, porém, são criações ficcionais, tentando preservar, contudo, o temperamento, as ideias, os sentimentos e as aspirações das personagens.

CENA I

Caio chega esbaforido, carregando algumas malas. Hilda abre a porta para ele e o abraça brevemente.

HILDA: Por que tanta pressa?

CAIO: Não podia antes me dar um 'oi'?

HILDA: Oi. Por que tanta pressa?

CAIO (*fecha a porta com um empurrão. Fingindo-se formal, didático*): Oi, Hilda, boa tarde, como estão as coisas?

HILDA: Transitórias, é claro. Que pergunta! E então?

CAIO (*põe as malas no meio da sala e se joga no primeiro sofá que encontra, para depois pedir licença*): Excusez moi.

HILDA (*suavemente irônica*): Entra, Caio. Pode se sentar.

CAIO: Você não vai me oferecer nada?

HILDA: Café, água, não sei o que mais tem na geladeira. Pode se servir.

CAIO: Conhaque, vinho, uísque?

HILDA: Ainda não. Mais tarde podemos brindar.

CAIO: Você não vai perguntar como eu estou?

HILDA: Eu perguntei por que você chegou com tanta pressa. Você não quis responder.

CAIO: Eu não estou com pressa. É só o ritmo da cidade me perseguindo. Me dá mais 10 minutos nesse fim de mundo que já fico outro. Um drink também ajudaria. (*exagerado, fazendo cena*) Mas esse ar, ah, esse ar muda tudo. O perfume da terra e da mata limpa nossa narina. Cheirai os lírios do campo, Hilda. (*pausa curta. Desmontando a cena*) Fui crível?

HILDA: Nem por um segundo!

CAIO: Eu estou tentando acreditar. Juro que estou. Vai me fazer bem essa coisa campestre.

HILDA: Sempre faz.

CAIO: No mínimo, me cura a rinite. Mas tenho que admitir que esse lugarzinho tem um astral e tanto. (*observando o entorno*) Ninguém jamais poderia imaginar você se enfiando no meio do mato, mas não é que aqui é a sua cara?

HILDA: Você vai ficar tempo suficiente pra descobrir que este não é um lugar qualquer. Não te dou dois dias pra você não querer nunca mais ir embora. Amanhã você conhece o resto. Você está mais magro, se é que isso é possível.

CAIO: Muito trabalho, pouca comida, nada de novo debaixo do sol.

HILDA: Como você está?

CAIO: Eu? Estou ÓTIMO!

HILDA: Não parece.

CAIO: Absolutamente frustrado. Decepcionado. Desesperançado. Quer melhor jeito de estar? Ou melhor, de ser. É... de ser! Até porque depois que se adquire essa consciência... Babau. C'est fini. Game over. Finalmente, eu estou liberto das minhas esperanças. Não é Ó-TI-MO?!

HILDA: Você não é do tipo que consegue viver assim, Caio. Nós não somos desse tipo.

CAIO: Bem, então já estou preparado pra morte. Dizem que é recomendável ter esse mínimo de prudência.

HILDA: Você não precisa se preocupar com isso tão cedo. Seu tempo ainda está longe de se esgotar.

CAIO: Sempre profética! Hildinha, uma das coisas que mais gosto na sua companhia é que perto de você me sinto quase cético. Você não sabe como isso é bom! Aqui, eu não sou o bruxo. Ao menos não o único. Outro dia no ônibus me olharam torto só porque eu estava com um baralho de tarô. Na redação, riram quando eu perguntei o signo da nova estagiária. Sempre uma piadinha aqui e outra ali. Ontem, ontem mesmo, eu vi alguns homens na rua, camisas abertas, entre os legumes da tenda da feira. Eles cochichavam e riam de mim. Às vezes me dá vontade de ser só mais um. Aqui é assim. Não sou a bicha, o bruxo, o magrelo, o gaúcho, porque até disso riem, de ser gaúcho. Sou só o Caio, e, francamente, já é coisa demais!

HILDA: Eu cresci sendo chamada de bruxa, e mal sabia que ser assim era uma dádiva. Desde criança mamãe me dizia que se vivêssemos na Santa Inquisição eu seria a primeira da fila.

CAIO: Primeira da fila, coisa nenhuma! Eles lá iam deixar de ouvir suas profecias até o último momento? Hildinha, se tem algo que aquela gente não era mesmo é boba. Você seria útil, por isso seria usada até o fim. Ser útil deve ser a última coisa à qual a gente pode se agarrar nesses momentos.

HILDA: A gente se agarra é em alguma esperança. Mesmo a mais remota. Esperança e fé!

CAIO: Sabia que sinto especial prazer de discordar de você? Eu poderia pendurar um estandarte na porta de casa escrito assim: "eu tenho o privilégio de poder discordar de Hilda Hilst".

HILDA: Você gosta de discordar. Ponto. Não é privilégio meu ser alvo da sua dissonância. *(pausa)* E por que você está aqui? Por que essa urgência em vir?

CAIO: Férias!

HILDA: Repentinamente?

CAIO: Surto de consciência, já disse. Pequena epifania. Ou grande. Desesperancei geral. Cansei de tudo, de todos, da débâcle da vida. Esgotei meus humores, minhas energias e resolvi tomar um pouco de ar fresco, em boa companhia, num belo lugar. Esquecer um pouco a cidade grande. *(lembrando)* Aliás, tenho que resolver um último assunto antes de desligar de vez do resto do mundo. Preciso dar um telefonema. Em particular. Se você puder sair pra, sei lá, fumar um cigarro...

HILDA: Eu parei de fumar.

CAIO: Ótimo momento pra recomeçar. Quer um?

Hilda sai. Caio pega um papel, onde está anotado um número. Disca e espera longamente, sem resposta. Disca de novo, sem sucesso.

CAIO *(gritando)*: Hilda! *(pausa)* Hilda!!!

HILDA *(voltando)*: Aprendendo a ter capacidade de síntese?

CAIO: Ninguém atendeu.

HILDA: Ah... *(pausa curta)* E essas férias fora de hora... A revista?

CAIO: Pedi demissão.

HILDA: O que você sempre quis...

CAIO: Exato.

HILDA: Très bien! E agora?

CAIO: Chega uma hora em que chutar o pau da barraca se torna imperativo. Eu sinto que cheguei a um momento em que já vi de tudo, já experimentei de tudo.

HILDA *(rindo suavemente)*: Ah, a arrogância juvenil! Uma dádiva que a gente infelizmente perde rápido. O mundo, a vida nunca esgotam suas possibilidades. Não vimos nem um centésimo do que há pra ver, ainda mais você. Agora arrume suas coisas e tire essas malas do meio da sala. Pra mim, é hora de escrever. E pra isso preciso de silêncio. Sabe que sempre imaginei que ter filhos seria algo próximo dessa puta algazarra que você faz? Eu até gostei.

CAIO: Vou tomar como elogio. E pode deixar, não há crime maior que perturbar a solidão de um escritor. *(começa a recolher suas coisas)* Cadê o Dante?

HILDA: No Rio, expondo. Uma mostra grande, está todo animado. E ainda bem que ele está lá. Ele gosta muito de você, mas não sei se ia lidar bem com seus, digamos, arroubos.

CAIO: Onde eu fico?

HILDA: Terceira porta à esquerda. Também separei um quartinho na edícula com uma máquina pra você.

Caio sorri com satisfação e sai.

CENA 2

Hilda está na sala, fumando. Caio vem do quarto, ainda sonolento e com cabelos desgrenhados.

CAIO: Bom dia! Ué, você não disse que tinha parado de fumar?

HILDA: Boa tarde, você quer dizer. Aquele seu *(fazendo as aspas com a mão)* “amigo” ligou. Você se esqueceu de combinar com os russos.

CAIO: Como?

HILDA *(revira os olhos antes de explicar)*: O Brasil ia jogar com a União Soviética. Eles eram os favoritos, estavam ganhando todas. Antes do jogo, o técnico brasileiro... *(pausa curta. Reflexiva)* Acho que era o Feola... Bem, seja quem for, estava explicando pro time uma tática meio rocambolesca pra ganhar o jogo, aquelas coisas como “você passa pra fulano, cruza pra ciclano, que atravessa o campo, dribla, chega na cara do gol e chuta pra dentro da rede”. Um dos jogadores interrompeu e falou: “olha, professor, o esquema é fantástico, mas o senhor já combinou com os russos?”.

CAIO: Foi o Garrincha. Já tinha esquecido essa anedota. Você ainda me surpreende, Hilda. Citando futebol?!

HILDA: Citando uma boa história. Da qual você também se lembrava. Melhor que eu, aliás! Boas histórias são sempre boas histórias!

CAIO: Touché.

HILDA: Pois é, você se esqueceu de combinar com os russos. Esse seu “amigo” ligou pra saber como você estava. Eu evidentemente respondi que era difícil alguém estar bem quando Mercúrio está retrógrado, e, papo vai, papo vem, ele me contou duas ou três coisas aparentemente desimportantes e perguntou se podia passar meu telefone ao seu chefe, que está te procurando como louco. O resto eu pude deduzir sozinha. Ah, ele também avisou que não vai mais passar aqui.

CAIO: Por que você não me acordou quando ele ligou?

HILDA *(irônica)*: Ah, você estava dormindo tão profundamente, como um anjinho, precisava ver. Não quis te acordar.

CAIO: Você entrou no quarto? Sem bater? Nem privacidade é mais possível ter?

HILDA: Claro que não. Exatamente por isso que não te acordei. *(pausa curta)* Olha, Caio, você já foi bem mais cuidadoso com os seus segredos!

CAIO: Já fui mais cuidadoso com as amizades que escolhia.

HILDA: Não culpe o rapaz. Você não o avisou. E essa história de “amigo”... Francamente, eu sei que você é reservado, mas você me subestima assim.

CAIO: Não nutro mais esperanças, Hilda. Amizade já é mais do que eu posso dar neste momento.

HILDA: Já pedi pra não me subestimar. Não me obrigue a pedir que também não o faça consigo mesmo.

CAIO: As coisas não são tão simples como parecem.

HILDA: Não, meu querido, elas não parecem nada simples. E você mais uma vez quis fazer tudo sozinho, sem precisar da ajuda de ninguém?

CAIO: Eu pedi ajuda a você.

HILDA: Você chama isso de ajuda?! Há quanto tempo estão atrás de você?

CAIO: Não sei. Não sei nem se de fato estão atrás de mim. Às vezes acho que é tudo um engano.

HILDA: Então do que você está fugindo?

CAIO: Hildinha, claro que eu via tudo que acontecia neste país, mas de certa forma não me afetava como deveria. Me parecia algo distante, entende? É como se eu estivesse vendo um filme, um filme horripilante, que me comovia muito, mas que estava ali, na tela, enquanto eu seguia protegido na minha poltrona. Até que a realidade bateu na porta. Literalmente. Bateu na porta de casa. E, no caso, a realidade era a polícia. Eu estava morando com mais dois rapazes e ninguém esperava receber visita. Abrimos a porta achando que era uma agradável surpresa e pimba: uma Veraneio parada ali na frente e três homens fardados, sérios, mas educadíssimos, quase simpáticos. Entraram, calmamente, como se tivessem sido convidados, sem mostrar mandado algum. Fuçaram aqui e ali e rapidamente encontraram um pacote de maconha. Só que a gente não tinha nada. Forjaram um flagrante, Hildinha. Logicamente, fomos presos. Pra evitar uma complicação maior, eu me vi forçado a dizer que trabalhava na Bloch. Os diretores da empresa se envolveram com medo do escândalo, e, enfim, fui solto... e demitido. *(pausa)* Só que todo mundo dizia pra gente que o lance era com o João Ricardo, um dos rapazes que moravam comigo, que era ele que eles queriam, que nós outros só acabamos indo no balaio, como uma espécie de efeito colateral.

HILDA: Imagino que a história não pare por aí.

CAIO: Eu ainda achei que estava tudo bem e toquei a vida! Arranjei outro emprego, e não é que baixaram na redação?! Eu não estava. Dizem que mal fizeram perguntas e se mandaram. Levaram a única coisa que tinha ali: meu caderno. Minhas anotações, porra! Tinha um conto novo que eu estava acabando de escrever, faltava pouco. Foi aí que eu te liguei. Depois passei a noite na casa do Renato, esse *(também fazendo as aspas)* “amigo”.

HILDA: Aconteceu algo específico ou você só cometeu o terrível crime de pensar?

CAIO: Juro que não sei, Hildinha. Eu nunca empunhei bandeira nenhuma. Eu fui a algumas passeatas, é verdade, mas era mais para ver a Norma Bengell naqueles vestidos magníficos do Dener do que de fato pra protestar. Tônia, Eva, Leila, todas belíssimas, tomadas por aquele fogo revolucionário, sabe? Existe algo mais poderoso do que uma mulher com um desejo incendiário no olhar? Assim como você, quando está borbulhando ideias. Ai, Hilda, eu deveria ser mais engajado do que sou, mas a verdade é que eu sou tolo e inofensivo, o que torna tudo ainda mais absurdo. *(pausa)* Acho que só cometi mesmo o terrível crime de escrever. E de escolher os personagens que escolhi.

HILDA: Era de se esperar. Essa possibilidade que a literatura nos dá, ou evidência, de ser santo e prostituto, coro e corifeu, eles jamais vão compreender. E o que não compreendem, eles destroem. Não me estranharia se logo mais censurassem a infância. Como explicar a eles o ato de brincar?! O lúdico, a fantasia, a possibilidade de transcender a realidade, ir além de onde os seus tentáculos conseguem alcançar?! Como explicar o escritor, que se coloca à sombra de sua própria obra pra só então existir?! Essa criatura que só se torna o que é mediante o outro, que é também criação sua e portanto ele mesmo?! É complexo demais pra gente que só acredita numa verdade e quer empurrá-la a todos, goela abaixo. Se mal temos sido compreendidos até hoje por homens livres, Caio, como poderemos esperar ser perdoados por esses que são prisioneiros de suas próprias certezas?

CAIO: Pra falar a verdade, o perdão dessa gente eu dispenso. E quando tudo se realinhar e voltar à órbita certa, também não vou perdoá-los.

HILDA: Ainda me pergunto o que vale mais, a ignorância que nos poupa ou a sabedoria que nos condena. *(pausa)* De qualquer forma, somos o que somos. Eu não saberia ser outra, ainda que brincar disso tenha sido meu ofício e minha vida. *(pausa longa)* O que você vai fazer agora?

CAIO: Não sei, não consegui ainda organizar os pensamentos. Pensei em ir pra Europa, passar um tempo, mas não sei... Acho que vou ficar por aqui até a poeira baixar.

HILDA: Caio, querido, não que isso seja uma reclamação, mas desse jeito você vai envelhecer aqui. Vai passar sua juventude na minha companhia quase exclusiva, o que, francamente, eu não recomendaria nem ao meu pior inimigo. Já basta o Dante ter que me aguentar, coitado. Você precisa de alguma estratégia melhor do que essa. Pense sobre isso. Ao menos aqui você ganha tempo e tranquilidade pra refletir com calma. Agora eu vou trabalhar. Deixei um prato de comida pra você na cozinha. *(vai sair)*

CAIO: Eu não sei se dou conta.

HILDA (*para*): Claro que dá.

CAIO: Eu não sou como você, Hildinha! Eu não tenho muito além de uma certa fé, não sei se em mim ou se numa justiça-cósmica, algo como... a-a-coerência-final-de-todas-as-coisas.

HILDA: Minha mãe me dizia a mesma coisa, que eu era fraca, que ia apalhar muito da vida. E, no entanto, acho que estou até bem.

CAIO: Como sua mãe dizia que você era fraca? Não existem bruxas fracas.

HILDA: Mamãe nunca me compreendeu, nunca olhou de verdade pra mim, nunca entendeu que eu era bruxa.

CAIO: Mas ontem você disse que ela/

HILDA (*interrompendo*): Eu sou escritora, Caio. (*acende um cigarro, com certa pompa, fazendo cena*) Até mais tarde.

Hilda vai saindo.

CAIO: Hilda!

Ela para já quase na saída.

CAIO: Adorei o adendo.

HILDA: Adendo?

CAIO: O quartinho que você me deu pra escrever.

HILDA (*sorrindo*): Você merece, meu menino. Faça bom uso.

Hilda sai.

CENA 3

Caio está ouvindo um gravadorzinho portátil, do qual sai sua própria voz, agora mais encorpada, firme e grave, declamando versos de Fernando Pessoa: "Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo. E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil...". Caio está chocado. Pausa o gravador, rebobina e ouve novamente os mesmos versos. Pausa mais uma vez, completamente estupefato. Olha em volta procurando Hilda. Sai brevemente para uma das coxias, mas não a encontra.

CAIO (*gritando*): Hilda! (*pausa*) Hilda!!! Hilda!!!

HILDA (*entrando*): Caiu da cama ou resolveu entrar na rotina da casa?

CAIO: Hildinha/

HILDA (*interrompendo*): Você sabia que também pode ir até o escritório e

me chamar sem precisar berrar? Aliás, mesmo que eu estivesse do outro lado da fazenda, ou do mundo, Caio, eu ainda não estou surda! Todo dia essa gritaria!

CAIO: Que bom que não está surda, Hildinha. É justamente dos seus ouvidos que preciso. Ouve. Presta atenção.

Pausa.

HILDA (*sem entender*): No que, Caio?

CAIO: Em mim. (*empostando a voz como um locutor de rádio*) São sete horas e aqui fala a Voz do Brasil. Temperatura amena na Casa do Sol com possibilidade de pancadas poéticas à tarde. Amanhã a previsão é de/

HILDA (*interrompendo*): Puta que pariu! Sua voz!

CAIO: Eu não estou louco, estou?

HILDA: Se você estiver, estamos os dois. Como isso aconteceu?

CAIO: Não faço ideia. Eu estava experimentando esse gravador que você me deu, recitando poemas, e de repente, quando eu me ouvi, não me reconheci mais. Eu pensei que/ (*interrompe-se, espantado, ao se dar conta*) A árvore!

HILDA: Que árvore?

CAIO: Aquela figueira imensa que você adora, no pátio. Eu fiz um pedido pra ela.

HILDA: Eu não te disse que é uma figueira mágica?

CAIO (*inconformado*): Não!

HILDA: Você me consome tanto, Caio, tem tanta coisa ainda pra te ensinar, que eu devo ter esquecido de te falar. Tem certeza que eu não te disse? Eu sempre falo pros hóspedes fazerem pedidos a ela!

CAIO: Foi algumas noites atrás. Eu sentei na beira da varanda e comecei a olhar a lua. Estava cheia, demais bonita. Um céu claro. As constelações todas pareciam tão perfeitamente alinhadas que eu sabia que era um bom presságio. Aí, de repente, me deu uma sensação esquisita, senti que eu podia fazer um pedido que seria atendido. Que coincidência escabrosa, não? Fazer esse pedido sem você ter me falado nada.

HILDA: Não existem coincidências. É uma figueira centenária, de raízes profundas. Ela nos precedeu e vai nos suceder. Você é uma pessoa sensível, aberta pra formas não verbais de comunicação, seria impossível você ficar indiferente diante dela.

CAIO (*subitamente preocupado*): Hilda, será que isso é temporário? Como quando a gente acorda rouco e depois passa?

HILDA: Pedidos realizados não se desfazem.

CAIO (*maravilhado*): Sua bruxa! (*agarrando-a num abraço que a surpreende*) Eu tinha tanta vergonha daquela voz frouxa, Hildinha. Às vezes, dependendo de onde eu estivesse, eu até evitava falar pra não me julgarem por ela. Não combinava comigo, com meu tamanho. Era como se fosse um nariz muito grande ou muito pequeno, desproporcional ao rosto. Mas agora... Ela combina comigo, não combina?

HILDA: Um nariz talhado perfeitamente pro rosto em que está, como se tivesse nascido com você.

CAIO: Bem que você me disse!

HILDA: Que aqui não era um lugar qualquer?

CAIO: Você entende tudo, Hildinha, tudo! Sinto que posso me comunicar de tantas maneiras com você, uma pessoa que eu conheço há pouquíssimo tempo. Morando com os meus pais, eu quase não falava, o dia inteiro. Não há o que dizer a pessoas que vivem em outro planeta, mesmo que se goste – e muito – delas. O pai o tempo inteiro focado em tudo que é cinza na vida: pagar contas, resolver pepinos, nada além do cinza. A mãe quase sempre numa bossa deprê, ensimesmadíssima, um casulo. Do qual, frise-se, não saía e jamais sairá borboleta. Meus irmãos, múmias. Não vou dizer egípcias, porque seria demais sofisticado pra eles. Acho que eles todos sentiam, como eu também, o absurdo de convivemos sem sabermos quase nada um do outro. Mas você... Você verdadeiramente me entende. E eu acho que eu te entendo até que um bocado. E agora ainda mais. Entendo você ter vindo pra cá!

HILDA: Então você é o primeiro. Fico besta quando me entendem. (*ri suavemente, depois brinca de narrar a si mesma*) Muitos falam dessa escritora loira e misteriosa que se refugiou numa fazenda tipo convento colonial. Uns contam que ela supervisiona a lavoura na fazenda, outros afirmam que ela vive tão feliz que nem sequer pensa mais em voltar a São Paulo. Há os que juram que essa fuga para o interior é uma atitude de rebeldia. (*ri novamente*) Rebeldia, Caio. Vir para o mato. (*ri*) Sabe o Mário Schenberg? (*diante do silêncio de Caio, prossegue tentando fazê-lo lembrar*) Um dos maiores físicos brasileiros! Além de ter o privilégio de ser meu amigo. Cacete, Caio, como você não conhece Mário Schenberg? Realmente tenho muito a te ensinar. Enfim, sabe aquela coisa das princesas que se refugiam numa torre de marfim?! O Mário diz que eu me refugiei numa torre de capim. (*ri, agora desbragadamente*)

CAIO: Não foi só uma mudança geográfica, foi?

HILDA: Nunca é.

CAIO: Aquela Hilda de outrora, vaidosa, chiquerrima... (*corrigindo-se depressa*) Não que você não seja mais chique, Hilda. Você pode estar de havaianas e shorts rasgados que vai continuar tendo a elegância de uma rainha, mas/

HILDA (*interrompendo*): Não precisa medir as palavras, Caio. Não comigo. Gosto do idioma falado com desmesura.

CAIO: Aquela Hilda não existe mais. (*observando-a*) Roupas largas, cabelos presos, nenhuma maquiagem...

HILDA: Eu cansei de ser bonita.

Caio ri contidamente.

HILDA: Eu falo sério, Caio. Seríssimo. Eu sentia que algo estava errado, provavelmente tudo, na verdade. Meus livros encalhados sem que ninguém lesse, os cornudos dos editores preocupados só com a literatura fast food que vende mais, e eu ali, no epicentro de tudo, na onda, fazendo charme dia e noite, andando pelas ruas, falando nas universidades, nos seminários, nas festas, aquela hipocrisia toda, adulação mútua e o escambau. De repente eu comecei a ter noção precisa do efêmero e pensei: bom, eu vou fazer nesta vida terrena o que eu sei fazer. Ou eu fico falando por aí que eu sou caralhal ou eu escrevo. Qual é o meu negócio? É escrever, porra. Eu não tenho que ficar mostrando como eu sou maravilhosa.

CAIO: Eu não entendo esse processo de sedução do outro, do leitor, por meio do corpo do escritor, do olhar, da voz, de sei lá o quê. Quando foi que o escritor ficou maior que a obra? O escritor nem deveria importar. Importa o livro!

HILDA: Exato, Caio. Eu já estava com essas questões, farta disso tudo, sentindo que na vida agitada de São Paulo eu não iria mais conseguir trabalhar, ao menos não como eu quero, como eu preciso, e então eu li o Kazantzákis. Ah, que revolução! Você já leu? Se não leu, precisa ler. *Carta a El Greco*. Eu vou separar pra você. Comece hoje mesmo se possível. Aliás, vou separar alguns livros que acho que você deveria ler. Notei que você já tem assaltado minha biblioteca.

CAIO (*constrangido*): Eu.../

HILDA (*interrompendo*): Não, pelo amor de Deus, não se desculpe por isso. Ao contrário, assalte mesmo. Leia, Caio. Mas onde eu estava? Ah, sim, Kazantzákis. Esse homem e esse livro me modificaram por completo. Ele defendia que o artista se isole pra se dedicar à sua obra. Eu li aquilo e pensei comigo mesma: vou mudar de vida. Ninguém entendeu. Acharam que eu estava fugindo. Fugindo de quê, meu Deus? De gente chata, só se for.

CAIO: Ninguém viu que era precisamente o contrário? Você estava indo ao encontro da sua verdade, da sua imagem real, recusando esse simulacro. Você estava parando de fugir.

HILDA (*orgulhosa e terna*): Talvez eu não tenha tanto assim pra te ensinar, Caio. É claro que você ainda tem muito a aprender, todos nós temos, mas não é que você já sabe uma porção de coisas?! Na sua idade normalmente os rapazes estão preocupados com carros e sexo. Se tanto!

CAIO: Eu nasci velho, Hilda. *(pausa)* Eu tomei uma decisão ontem. E ver sua abnegação só me traz ainda mais convicção.

HILDA: Vai perambular pela África Subsaariana escrevendo poemas sobre a miséria humana!

CAIO: Eu resolvi parar de escrever.

Hilda solta uma sonora gargalhada.

CAIO: Agora sou eu que estou falando sério, Hilda.

HILDA: O pior é que eu sei. Por isso mesmo é tão despropositado.

Pausa. Caio não compreende.

HILDA: Um escritor não para de escrever antes de realizar toda a obra de uma vida.

CAIO: Escrever já não é mais prazeroso pra mim. Se tornou um fardo, uma maldição.

HILDA: E algum dia foi diferente? Então você está num baita lucro! Eu injejo profundamente quem sente prazer em escrever. Ou diz que sente.

CAIO: Você não entende, Hildinha. Não é só a dificuldade da criação. Escrever é uma coisa agressiva, muito violenta e muito dolorosa pra mim. Eu sei que sou jovem, mas eu passei por algumas coisas significativas. Eu nunca recusei nenhuma experiência, mas principalmente, e esse é o ponto, nunca deixei de expressar frontalmente essas experiências no meu trabalho. Eu preciso dizer certas coisas que normalmente não são ditas, ou pelo menos não são agradáveis de serem escutadas. E ainda mais difíceis do que serem escutadas, são insuportavelmente dolorosas de serem escritas.

HILDA: Você tem a pachorra de dizer que eu não entendo? Escrever pra mim é como o dia em que vou fazer uma operação. Dá aquele frio escuro aqui dentro, por mais que eu saiba que aquilo precisa ser feito. Escrever, Caio, é pânico. Me provoca mal estar, medo, angústia, ansiedade/

CAIO *(interrompendo)*: Então por que escrever?

HILDA: Eu não gosto de sangue. Mas corre nas minhas veias. *(pausa)* Qual quer escritor que se preze deveria sentir algo parecido com essa angústia. Se a literatura não abrir feridas no leitor, pra que ela serve? E como abrir feridas em quem lê sem fazer o mesmo, e de forma muito mais profunda, em quem escreve? A conduta literária é também entranhadamente ética. Me soa inacreditável que a palavra seja usada de forma vã, sem um compromisso profundo com o ofício. E você, menino, você tem esse compromisso.

CAIO: Não como você. Você abriu mão de tudo pra se dedicar à literatura. Você recusou as seduçãoes sociais, uma vida de luxo, até a beleza! Tudo pra se refugiar aqui, pra se dedicar exclusivamente à literatura. Enquanto isso eu me ven-

do diariamente escrevendo matérias como “se o bebê cospe no prato, é porque o espinafre está muito quente; da próxima vez, mexa em vez de soprar.”

HILDA: Eu pude fazer isso porque sou rica. Eu herdei terras e joias, nunca precisei ganhar um centavo na vida, e não tenho a menor vergonha de dizer isso, porque eu não usei esse privilégio pra me tornar uma dondoca que passeia pelos clubes paulistanos, eu usei pra produzir literatura da melhor safra que há neste país – e também não tenho vergonha alguma de mandar a modéstia às picas e reconhecer a qualidade do meu trabalho. Mas eu sou privilegiada, Caio. Caso contrário, estaria como você, dando a bunda numa redação qualquer. Ou limpando chão, vai saber. E, no entanto, você segue produzindo, no tempo que tem, no vão das suas horas, entre achaques de chefes escroques, prazos abusivos e salários de fome... Eu sei como funcionam essas redações, meu menino. Conheço tantos que têm de passar por tudo isso. E, no entanto, você está aqui. Eu vejo sua disciplina. Eu vejo sua inquietação perante o mundo, sua paixão pela palavra. E agora você acaba de encontrar sua voz. Percebe o quão significativo é um símbolo como esse? É um sinal claríssimo! Então não me venha com essa bobagem de parar de escrever. É impossível negar a própria natureza, e a sua é a de um escritor.

CAIO: Você, que escreveu o que escreveu, ganhou os prêmios que ganhou, reclama diariamente da falta de leitores, do completo desinteresse do país por literatura, da negligência das editoras – isso falando das que conseguiram não falir. Se pra você é tão difícil, imagine pra mim.

HILDA: E você me viu desistir? Me viu sequer cogitar essa hipótese?

CAIO: Eu publiquei dois livros e foi como soltar um grito no deserto.

HILDA: A literatura nasce porque precisa nascer. Nasce do inconformismo, do desejo de ultrapassar o nada. Mesmo que seja um grito no deserto. Esse grito precisa ser dado.

CAIO: Hilda/

HILDA (*interrompendo*): Chega, Caio. Quantas desculpas mais você vai dar? O que me pergunto é: elas são reais? Faça-se essa pergunta. Ou isso tudo é porque você acha que assim vão te deixar em paz? (*pausa*) Você acha mesmo que vai parar de escrever e eles vão se contentar com isso? Eles não querem só matar a palavra, eles querem matar a ideia, e a ideia está na gente. Você pode não escrever, mas continua pensando, falando. Você vai conversar com alguém, seja na esquina, numa banca de jornal, comprando uma revista qualquer. O jornalista te faz algum comentário inocente sobre o tempo ou sobre esportes, e logo vocês estão batendo papo. Então você solta uma ideia, uma ideiazinha aparentemente inofensiva, e pronto! Você contaminou o jornalista. Mais tarde ele vai repassar isso adian-

te, seja em tom de concordância ou de crítica. Ele vai falar pra algum outro cliente, ou em casa, pra mulher, na hora do jantar, depois de pedir pra passar a manteiga. As ideias são perigosas, deliciosamente incendiárias e contagiosas. E mesmo eles, na sua visão estreita, no seu mundo binário, na sua insondável burrice, mesmo eles sabem disso. Você é um ser pensante, verdadeiramente pensante, o que é profundamente ameaçador. Se você acha que parar de escrever é a solução pra isso, eu constato, com decepção, que você é mais ingênuo do que eu havia imaginado, pra não dizer francamente estúpido.

CAIO: Você não pode me chamar de ser verdadeiramente pensante e de estúpido na sequência.

HILDA: Ah, se posso, garotinho. Você, como qualquer pessoa, é um ser contraditório, dotado de diversas camadas. Se você ainda não entendeu isso, que é o básico do básico do ser humano, realmente, não sei nem por que estou te indicando livros, te ensinando coisas, gastando meu latim com você. Seria mais útil ensinar francês a um papagaio.

CAIO: Você acha que ser quem você é te autoriza a ser tão cruel?

HILDA: Eu sou como sou, Caio, sem filtro.

CAIO: Grossa, você quer dizer.

HILDA: Pense o que quiser. Não imaginei que você fosse tão orgulhoso e mimado, desistindo diante do primeiro obstáculo. Você tinha razão: você é fraco. E pessoas fracas não servem pra literatura!

CAIO: Que arrogância achar que sabe mais do que eu o que é melhor pra mim. Por isso tanta gente te acha pernóstica!

HILDA: Pronto, sua hora acabou, Caio.

CAIO: Do que você está falando?

HILDA (*apontando pro relógio*): Esta sessão. Há profissionais bem pagos pra ouvir baboseiras desse tipo. Você está definitivamente precisando de um. Eu já fiz muito por hoje.

Hilda se senta, pousa seu olhar em qualquer outra coisa, acende um cigarro e fuma aparentando toda a calma do mundo. Caio permanece impassível, algo entre chocado, magoado e furioso. Então, num rompante, sai.

CENA 4

Finalmente revela-se a estrutura de gravação de Hilda, um um estranho conjunto formado por um gravador acoplado a um rádio e a um amplificador. A escritora está sozinha em cena, manipulando o aparelho. Ouvimos chiados indistintos. Caio entra sem ser visto, segurando um copo. Ele apoia o copo sobre um móvel e fica observando a experiência.

Hilda está compenetradíssima, ansiosa, aguardando algo surgir do meio daquele ruído.

CAIO (*em voz baixa, quase sussurrada, com medo de atrapalhá-la*): Hilda.

Hilda não distingue o que Caio disse e pensa ter vindo do gravador. Fica entusiasmadíssima e aproxima o ouvido do aparelho, com o máximo de empolgação.

CAIO (*agora em volume normal*): Hilda.

Hilda toma um enorme susto e desliga imediatamente o aparelho.

HILDA: Puta que pariu, Caio. Quer me matar do coração?

CAIO: Desculpa. Eu não... (*pausa curta. Com alguma gravidade*) Desculpa.

HILDA: Tudo bem, já passou.

CAIO: Eu quero dizer/

HILDA (*interrompendo*): Tudo bem, Caio! Já passou! (*pausa curta. Manhosa*) Mas ajudaria bastante este coração combalido se você fizesse aquela sua vitamina de banana.

CAIO: O que faz bem pro coração/

HILDA (*interrompendo*): É a sua vitamina de banana.

Caio pega o copo.

CAIO: É exatamente o que vim te trazer.

Hilda abre um franco sorriso de surpresa. Ele estende o copo a ela, que o pega.

HILDA: Era exatamente o que eu precisava! Obrigada.

CAIO: O rádio não pega aqui?

HILDA (*tomando um gole*): Que maravilha! Agora que você não tem mais emprego nem ofício, pode abrir uma... Casa de vitaminas. (*pensando*) Vitamineria?! Não, péssimo.

CAIO: Mas ontem você estava ouvindo rádio, eu vi...

HILDA: É claro que pega rádio, Caio. Aqui ainda é parte da civilização. Não saí de São Paulo pra viver como uma silvícola. (*pausa. Procurando uma desculpa*) É só hoje que o sinal está ruim.

CAIO (*levantando-se*): Deixa eu ver se consigo fazer alguma coisa.

HILDA (*levantando-se para impedi-lo*): Não é necessário, Caio. Obrigada.

CAIO (*observando o aparelho*): Que geringonça toda é essa?

HILDA: Não é nada, Caio. Por favor!

Caio põe pra tocar o gravador e ouvimos novamente os chiados.

CAIO: Você estava gravando isso aqui?

HILDA: Eu estava tentando gravar um programa, mas, como você vê, não estava sintonizando.

CAIO (*ligando o rádio e mexendo na sintonização. Logo pega uma estação*): Ué, está tudo normal. Estava num limbo entre duas estações.

HILDA: Ah, é? Puxa, que coisa.

CAIO (*irônico*): Que coisa, né?

HILDA: Caio, tem mais vitamina? Essa estava tão gostosa que foi vapt vupt. Não sobrou nem um golinho pra contar história.

CAIO: Já acreditei em várias das suas invenções, e pretendo continuar acreditando, simplesmente porque vale a pena acreditar nas boas histórias, mas essa?! Francamente, de improviso você é péssima, sinto dizer. O que você estava fazendo, Hilda?

HILDA: Ah, não te interessa, Caio Fernando.

CAIO: Está bem. Cada louco com a sua mania.

HILDA (*energicamente, profundamente ofendida*): Louca, não!

Seu rompante assusta Caio. Ela percebe e tenta consertar.

HILDA: Desculpe, eu... Essa palavra... Eu não lido bem com ela.

CAIO: Todos nós somos um pouco loucos, não? Caso contrário, não escreveríamos.

HILDA: Então você acaba de se livrar dessa, veja que ganho! (*pausa*) Mas eu não falo dessa loucura anedótica, falo da real perda da sanidade, o mergulho no abismo da ilogicidade, o mais completo caos mental.

CAIO: Fique tranquila. Falei por força de expressão. Seu mal é o excesso de lucidez, não o oposto.

HILDA: Será? E ainda que seja hoje, será também amanhã? Talvez eu seja demasiadamente racional pelo profundo medo de me distanciar da sanidade. O que pode parecer frieza é muitas vezes apenas a tentativa de uma sobriedade intelectual que não permita nenhum tipo de desvio. (*pausa*) Aguardo ansiosa o dia em que a ciência será capaz de mapear nossos genes e descobrir se a loucura mora ou não no nosso DNA. (*pausa*) Eu sempre fui muito parecida com papai. Ele era poeta, ensaísta, e, embora tenha sido um ilustre desconhecido como autor, achava que só não tinha se tornado o maior expoente do modernismo porque o Mário chegou antes dele. É mole?

CAIO: Um pouco de delírio de grandeza nunca levou ninguém ao manicômio.

HILDA: Levou. Claro que junto com diversas outras coisas. Pra começar, uma mania. A vista ia piorando e ele já não enxergava direito à noite, não conseguia mais ler o jornal. Mamãe falava pra comprar um abajur, mas ele nem dava pelota. Em vez disso, ficava em pé em cima da mesa da jantar, de sapato e tudo, aproximando o jornal do lustre. (*pausa curta*) Depois começou a frequentar bordéis. Pagava as moças pra se deitarem com ele

na cama... pra ler! Queria ensinar modernismo e liberalismo às mulheres de muitas virtudes. E por aí seguiu a jornada de papai pra cada vez mais longe da razão. *(nota que Caio a está olhando com desconfiança)* Eu sei, eu sei o que parece, mas não há um pinga de invencionice nisso. Ah, acredite no que quiser. A história é boa. Apesar de verídica. Normalmente as inventadas são melhores. Mas essa é tão boa quanto triste. Ele foi diagnosticado como esquizofrênico paranoico e passou a vida inteira entrando e saindo de hospícios. Mamãe, mesmo depois de se separar, fez questão que eu conservasse a melhor memória dele, uma imagem de realza. A figura do louco eu apaguei. Lembro só do homem lindo e brilhante que ele era. Mas, ainda assim, essa sombra da loucura paira sobre mim. Tenho pavor dela!

CAIO: Você não herdou isso, Hilda.

HILDA: Você não tem como saber. Ninguém tem. Até meus últimos dias o medo dessa hereditariedade vai me perseguir.

CAIO: Se for genético, não se manifestou em você, e nem vai. E vai morrer junto com você. Você não transmitiu pra mais ninguém.

HILDA: E por que você acha que eu não tive filhos?! *(pausa curta)* É bem verdade que não foi só por isso, mas essa foi uma razão e tanto. *(pausa. Tendo uma ideia)* Caio, você realmente acha que eu sou excessivamente lúcida?

CAIO: E como!

HILDA: Se eu te mostrar algo, você não vai mesmo me achar louca?

CAIO: Eu confesso que ficaria feliz de ver você se permitindo por um instante não ser tão séria, tão comprometida com o intelecto.

HILDA *(frustrada)*: Não, não, não... Você não entende. O que eu ia te mostrar é algo seríssimo, uma pesquisa profunda, mas as pessoas não compreendem!

CAIO: Hildinha, confia em mim. Não vou te julgar. *(pausa)* Hilda...

HILDA: Está bem, está bem! *(voltando-se para o aparelho)* Isto aqui é um equipamento de transcomunicação instrumental. Um físico sueco, um homem deslumbrante chamado Jürgenson, desenvolveu essa técnica a partir de uma experiência que ele teve gravando cantos de pássaros. Quando foi tocar a fita, apareciam vozes humanas ali. Ele repetiu o procedimento pra ver se não tinha algum vício, algo pré-gravado na fita ou alguém nas redondezas que ele não tivesse percebido, mas não. A gravação registrava algo que o ouvido não era capaz de escutar, percebe?

CAIO *(impressionado)*: Você está querendo dizer...

HILDA: Sim. Eram mortos. Depois, isolando as vozes, ele identificou algumas delas. Eram de amigos que já tinham morrido. Ele mostrou pra amigos em comum ou pras famílias dessas pessoas, e muitos deles também reconheceram essas vozes.

CAIO (*interessadíssimo*): E como você faz pra buscar essas pessoas, esses sons?

Pausa curta. Hilda observa Caio.

HILDA: Você não me acha uma louca! Você está me levando a sério!

CAIO: Eu ainda não sei o que pensar, mas é no mínimo absolutamente fascinante.

HILDA: Até hoje eu só mostrei pro Mário. Antes que você faça alguma piadinha infeliz, estou falando do Mário Schenberg, que, repito, você deveria conhecer. Achei que justamente ele, por ser um físico de primeira linha, se interessaria por isso. Mas o olhar que ele me lançou gravava na minha testa a pecha de louca. Ele foi muito educado, como sempre, é um homem muito polido, mas usou uma coleção de eufemismos pra não dizer que tudo isso era puro charlatanismo. Eu odeio eufemismos. Prefiro que me digam na lata o que pensam. “Hilda, essas vozes que você ouve podem ser algum tipo de interferência”. Mas, porra, eu não ouço vozes, eu gravo vozes soltas no espaço.

CAIO: E como você faz isso? Eu quero ver!

HILDA: Existem várias formas. Ultimamente eu tenho tentado colocar numa estação inexistente de rádio, como você viu, algum ponto bem no meio entre duas estações. Então eu gravo e depois escuto o que foi registrado.

CAIO: E você já conseguiu captar alguma coisa?

HILDA: Às vezes no meio dos chiados aparecem palavras ou até frases inteiras. Agora mesmo, quando você chegou, eu estava ouvindo a gravação e tive a impressão de ter registrado algo.

CAIO: Põe pra tocar, pelo amor de Deus.

Hilda rebobina o gravador e põe pra tocar. Durante um longo tempo ouvimos uma série de chiados. Os dois estão muito atentos.

HILDA (*sobressaltada*): Aqui! Ouviu?

CAIO: Não.

Hilda para a fita, volta um pouco e toca novamente. Hilda se coloca em grande expectativa e, em determinado momento, aponta entusiasmada, indicando ser aquele o momento.

HILDA: Ouviu?

CAIO: Nada, Hildinha.

HILDA: Está com bastante ruído, mas dá pra ouvir com alguma nitidez uma voz feminina falando “querida”. Ouça.

Mais uma vez volta a fita e toca novamente. Observa Caio, ansiosa. Ao ver sua falta de reação, pausa e desliga o gravador, frustradíssima. Pausa.

CAIO: Hilda, de fato eu não consigo ouvir isso que você ouve, mas veja, eu não estou fazendo qualquer julgamento sobre você. Acho esse experimento francamente maravilhoso. E quero muito ver as outras gravações que você fez.

HILDA: Eu tenho me correspondido com pesquisadores da área, mas sinto que não posso mostrar isso pra nenhum dos meus amigos. Eles não entenderiam. Isso é física, não é loucura ou bruxaria.

CAIO: E ainda que fosse bruxaria, qual seria o problema? Que demérito existe nisso? Saiba você que dentro de pouco tempo quem não se tornar bruxo ou santo não vai sobreviver. Estamos entrando numa nova faixa de espírito. É pena que você viva isolada na fazenda e, naturalmente, fique um pouco distanciada de todo esse processo. Se você vivesse num centro maior ia ficar impressionada como as pessoas não suportam mais coisas como máquinas, ruídos, trabalho, filas, horários... Todo mundo está procurando se evadir, ou buscar um sentido maior, através das coisas do espírito.

HILDA: Eu sempre intuí que a morte não existe e agora eu tenho certeza, porque as vozes no gravador são absolutamente reais. Eu não tenho dúvida alguma de que são reais. Provar que os mortos conseguem se comunicar de forma inteligente significa provar que a inteligência permanece após o desaparecimento do corpo. Você pode imaginar o que isso significa em termos da eliminação de tanta angústia diante do problema da morte?

CAIO: Eu imagino o que isso significa pra sua literatura. Você sempre perseguiu esse tema. Pode ser uma revolução no seu trabalho.

HILDA: Ou pode suplantiar o meu trabalho. Talvez isso seja muito maior do que a minha literatura.

CAIO: Você está falando de parar de escrever?

HILDA: Não sei. Talvez.

CAIO: Isso é pra me provocar? Eu sei que você não faria isso.

HILDA: Ah, agora o senhor se importa com a continuidade da obra de alguém? Essa é boa.

CAIO: Quem chegou aonde você chegou não pode parar. Você TEM que escrever coisas cada vez melhores, cada vez maiores.

HILDA: Não vou ouvir conselhos de um ex-escritor. *(pausa curta. Intrigada)* Me diga uma coisa, você realmente enxerga minha obra assim? Tendo a morte como tema principal?

CAIO: Não é evidente?

HILDA: Não sei. Eu sempre tive essa impressão, mas era só isso, uma impressão, algo um tanto inconsciente. Ninguém, nenhum crítico ou amigo jamais disse qualquer coisa nesse sentido. Eu falo da morte de tantas formas, muitas indiretas, codificadas.

CAIO: Acho que, pelo nosso completo desconhecimento do que ela seja, a morte acaba sendo um tema que interessa – e assombra – qualquer pessoa, mas no caso da sua obra ela parece adquirir outra dimensão.

HILDA: Não é terrível a desagregação disso que nós somos? Alguém que formulou pensamentos, que teve aventuras, emoções, e de repente apodrece, com milhões de vermes te comendo, e tchau. De repente as coisas terminam? Estou vendo o pássaro, estou vendo o cachorro, estou vendo a mim mesma, e acaba? Como é que é não ser? Você consegue entender isso? Pra mim é algo completamente impensável. Talvez essa questão sempre tenha movido meu trabalho de alguma forma porque eu nunca me conformei com isso. É algo que me inquieta diuturnamente.

CAIO: Será que todo escritor persegue obsessivamente algum tema? Não que vá se restringir a ele, claro, mas que a coisa esteja sempre ali, sabe? Pairando sobre a obra, entrando em cada interstício, tomando a palavra sempre que houver uma brecha.

HILDA: É possível. A Lygia estava falando exatamente sobre isso comigo esses dias. A respeito da sua obra, aliás. *(fazendo jogo)* Mas isso já não interessa.

CAIO *(muito interessado)*: Que Lygia? Lygia Fagundes Telles?

HILDA: A única Lygia que nós conhecemos em comum.

CAIO: O que ela dizia?

HILDA: Ah, Caio, que diferença faz? Você nem escreve mais. Desertou.

CAIO: Minha obra está viva. Se eu tivesse morrido agora, você ignoraria meu legado só porque foi interrompido?

HILDA: Você está renegando sua obra, é diferente.

CAIO: De forma alguma. O que fiz está feito e me orgulha muitíssimo. O que ela disse, Hilda?

HILDA: A Lygia disse que você é o escritor da paixão. Achei bonito isso.

CAIO *(impressionado)*: É lindo! *(pausa)* E acho que define bem o que escrevi. Eu pus na literatura o que não encontrei na vida. E era o que eu mais queria viver: me plantar em alguém...

HILDA: E agora você vai ficar sem uma coisa nem outra.

CAIO: Às vezes eu tinha a impressão de que eu boicotava meus amores justamente pra manter a literatura viva. Eu tinha um medo irracional de que, se algo desse certo, poderia matar a minha escrita. Como se eu precisasse me alimentar dessa frustração pra criar. Agora eu não preciso mais disso.

HILDA: Ótimo. Você está livre pra criar uma nova desculpa pra não viver aquilo de que você tem tanto medo.

CAIO: Nem se eu tentasse eu conseguiria arranjar desculpa pra cada um dos meus medos.

HILDA (*tira um papelzinho dos seios e entrega a ele*): Eu conversei com alguns amigos. Você tinha mencionado uma possível ideia de ir pra Europa passar um tempo. Se você quiser, é só ligar pra esse número e falar com o Jaques. A passagem é uma cortesia da Casa do Sol.

Caio hesita.

HILDA: Você não precisa decidir nada agora. Pense a respeito. Conhecer o velho continente é sempre uma experiência profundamente enriquecedora.

Hilda sai. Caio fica pensativo.

CENA 5

Caio está anotando um recado num bloquinho de notas ao lado do telefone. Hilda entra.

HILDA: Quem era?

CAIO: Você ouviu tocar?

HILDA: Já te disse, não sou surda.

CAIO: E por que não veio atender?

HILDA: A essa hora ou é alguém querendo vender coisa ou é entrevista ou é gente chata. Se é que há alguma diferença entre as três coisas.

CAIO: Entrevista pro *Suplemento da Manhã*. (*lendo*) Carminha Dias querendo falar com a poetisa Hilda Hilst.

HILDA: Puta que pariu! Ainda bem que não atendi. Se até os bons jornalistas dão dor de cabeça, imagina alguém que começa assim, me chamando de poetisa. Poetisa é coisa de mulherzinha, que cuida do maridinho, da casinha... (*ao notar o olhar repreensivo de Caio*) Que fique bem claro que eu casei com o Dante por insistência da minha mãe. Sempre achei casamento uma armadilha pra mulheres desocupadas.

CAIO: Hilda, você vai escolher pra quem vai dar entrevista por causa de uma palavra?

HILDA: Eu não quero mais dar entrevista pra ninguém, nem se me chamar de poeta, deusa, rainha, não quero!

CAIO: Depois reclama que não é lida!

HILDA: Caio, eu dava entrevista toda semana. Ninguém me lia. Agora não dou mais. Continuo na mesma. Pelo menos eu me poupo.

CAIO: Você se recusou a participar do Salão do Livro de Paris, Hilda!

HILDA: Não é verdade. Eu não recusei, apenas nunca respondi. Eu não

vou nem a Pirituba mais, Caio. Acho desagradável ter que falar sobre minha obra. Eu não sou crítica. O que tinha pra dizer, disse nos livros. Não entenderam. Então, não adianta nada. Mês passado eu abri uma exceção. Dei uma entrevista enorme pro *Globo*. Depois saiu uma coisa mínima, toda cortada. Enfim, uma bosta.

CAIO: A culpa é do editor.

HILDA: Eu sei. O jornalista fez perguntas interessantes, até. Coitado do menino. Aí vem o cornudo do editor e tesoura tudo, porque dois terços da página são pros anunciantes. Editores...

CAIO: Se houvesse leitores, esses dois terços não serviriam pra vender xampu. 30 milhões de analfabetos, 70 milhões de pessoas com uma vida miserável... Isso é o país. Não tem por que a literatura ter prioridade. Existem questões mais urgentes.

HILDA: E mesmo quem não tem nenhuma urgência está lá, vivendo sua vida bem arrumada, com filhos, compromissos, e de repente venho eu e começo a fazer várias perguntas incômodas. Kierkegaard dizia “viver é sentir-se perdido”. Eu não posso dizer isso hoje, percebe? O leitor não tem uma couraça pra enfrentar esse tipo de questionamento. Por que ele deveria se abalar com a loucura que me deu quando vi uma avenca negra? E no meu caso às vezes acho que simplesmente não me entendem mesmo. Devo escrever em grego, não sei. Prova disso é a Censura Federal. Eles fatalmente não me entendem. Se entendessem, proibiriam meia dúzia de obras minhas. Devo ser de um hermetismo inalcançável.

CAIO: Eu fui censurado pela primeira vez há alguns meses e foi uma loucura. Uma peça que escrevi e ia dirigir. Eu estava com tudo pronto pra começar a montagem, já tinha gastado algum dinheiro com a produção, e aí veio o NÃO da Censura Federal. Proibida completamente e sem nenhuma explicação. Não sou o primeiro nem o segundo, não é? Também, infelizmente, não serei o último. Mas na hora doeu muito e fundo. Chorei potes. A loucura foi que, depois que a coisa decantou, eu parei e pensei: virei um autor malditíssimo. Achei a glória!

HILDA: Os tomates que nos tacam são um sinal de que ao menos não ficaram indiferentes ao que escrevemos. Infinitamente melhores do que o silêncio. Ou do que um aplauso comedido. Você já reparou como as senhoras aplaudem no teatro? (*Hilda faz a mimese. Empolada e com cara de arrogante, bate palmas preguiçosas, quase inaudíveis, mal separando as mãos*)

CAIO: Antes de decidir parar, eu ficava me perguntando se submeter originais à censura não é de alguma forma compactuar com ela, se não seria melhor todo mundo desistir de publicar, guardar os seus calhamaçoinhos nas gavetas. De certa forma qualquer publicação “liberada pela censura”

pode ser, a priori, considerada como a favor do regime. Horrível, não? Não seria esta a hora exata dos escritores se reunirem e tomarem uma posição rígida e irreversível? O problema é que não existe classe mais calhorda, mais desunida que a dos escritores. Nesse sentido o pessoal do teatro é bem melhor, talvez porque o próprio teatro seja coisa de equipe, não sei.

HILDA: Baixar a cabeça é sempre a pior saída, Caio. A gente precisa continuar trabalhando, resistindo. Mas você pode anotar, uma hora eu chuto o balde e começo a escrever apenas grandes e adoráveis bandalheiras. Literatura francamente erótica. Ou melhor, pornográfica. Chamando as coisas pelos nomes que elas têm. Nada de “deixa-me oscular tua rosa orquídea.” Que tal “embevecida, segurava aquele mastruço rijo como fosse uma tábua de naufrago”? Não é isso que vende? O governo finge que persegue, mas deixa rolar, porque o povo gosta e é inofensivo. Os editores sorriem de orelha a orelha. Todos ficam felizes.

CAIO: Você adora se queixar.

HILDA: O dia em que eu não puder me queixar do meu trabalho, largo tudo. Enquanto eu tiver algo a perseguir, seguirei obcecada pelo ofício. Meu maior sonho é também meu maior pesadelo: vender um milhão de cópias. O que se faz depois disso?

CAIO: Morre-se.

HILDA: Pois é. Deus me livre chegar lá. Enquanto isso, tenho muito a dizer.

Hilda acende um cigarro, pisca para Caio e sai. Transição de luz. Caio também sai, deixando o espaço vazio.

CENA 6

Caio entra com um calhamaço de folhas nas mãos.

CAIO (*gritando*): Hildinha.

Hilda entra um pouco suja de terra e com uma tesoura de jardinagem nas mãos. Caio joga as folhas para o alto. Hilda, com satisfação, as acompanha com o olhar.

HILDA: Eu sabia! Eu sabia!

CAIO: Eu tive um sonho esta noite. Acho que foi o sonho mais claro, mais nítido que já tive em toda a minha vida. Eu estava no terapeuta, deitado no divã, e ele, até então um lacanianismo caladíssimo, desatava a discursar num microfone, em cima de um tablado que fazia as vezes de um palquinho, e falava como se discursasse pra uma multidão, mas olhando vez enquanto pra mim, que era a única pessoa presente ali, além do gato dele, que assistia a tudo com um pouco de estranhamento meio escondido num vão da estante. Ele falava

que os escritores, os romancistas e os poetas são os biógrafos da emoção. Se alguém, em 2020, quisesse saber o que as pessoas sentiam nos anos 1970, não vai ler a *Veja*, o *Estado de São Paulo*, o *Jornal do Brasil*, vai pegar a ficção, os poemas. No sonho eu estava achando aquele papo furadíssimo, quase ananaiá, mas quando acordei e o sonho veio vindo cristalino na memória, caiu a ficha como uma bigorna na minha cabeça.

HILDA: Eu te disse, meu menino. Escrever é uma bendita maldição.

CAIO: Ou um defeito de fabricação. Ah, Hilda, eu estou tão mais leve. Não consigo viver a vida sem inventar em cima dela.

HILDA: Você seria um covarde se privasse o mundo da sua literatura. E mais covarde ainda se privasse a si mesmo disso.

CAIO: Eu sentei na frente da máquina e de repente pareceu fácil escrever. Fluiu. Eram coisas que eu vinha há tanto tempo pensando e, quando eu vi, eu estava conseguindo colocar no papel exatamente da forma que eu queria.

HILDA (*pegando uma revista jogada num canto e mostrando a ele*): Eu acabei de ler isso, agora há pouco. *Veja*. É uma matéria sobre o neutrino, uma partícula subatômica que demorou para ser detectada porque não tem massa, nem carga elétrica, nem campo magnético, nem porra nenhuma. Ele não atrai nem repele e só pode ser detectado quando colide com outro elemento. Eu li isso e na hora achei que essa coisa do neutrino era igualzinha ao processo de escrita. A gente escreve, escreve, escreve e vai atravessando os corpos mais densos e opacos possíveis, até encontrar o elemento de colisão. Então, quando a gente colide, é uma explosão. Tudo o que até então parecia incompreensível, obscuro, de repente se torna claro, luminoso. Como aconteceu agora com você.

CAIO: Hildinha, pra mim é difícil dizer isso que vou dizer e talvez seja difícil compreender, sei lá, a gente tem pudores, mas acho que você vai entender. Talvez só você consiga entender. Eu não diria isso pra outra pessoa, porque pareceria fatalmente uma coisa pretensiosa, mas eu estou sentindo agora uma coisa... Estou sentindo que fui tocado, escolhido. Sinto que tenho uma missão, entende? Sinto a marca da escolha pesando em mim.

HILDA: Eu sempre soube, meu menino. E espero que agora você finalmente entenda o poder da sua obra, a força que ela tem contra toda forma de preconceito, de ódio, de intolerância. O Woody Guthrie, que era o ídolo do Dylan, gravou no violão dele: esta máquina mata fascistas. A sua obra é exatamente assim, Caio. Não nos prive dela.

CAIO: Eu acho encontrei forças pra enfrentar... qualquer coisa. Eu não sei nem como te agradecer por tanto, Hildinha.

HILDA: Aceitando o último presente que eu te ofereci.

CAIO: Eu já falei com o Jaques. Parto amanhã. Vai ser uma longa jornada. Vamos ver com quais elementos eu colido no caminho.

HILDA: São essas colisões que vão te iluminar. *(pausa)* A Casa do Sol já não será a mesma.

CAIO: Eu também já não serei o mesmo.

Caio vai abraçá-la. Hilda se afasta.

HILDA: Você sabe que eu odeio despedidas. E odeio ainda mais apressar o curso das coisas. Prefiro que você vá como veio, na hora certa e feito um raio.

CAIO: Pedir pra um escritor partir em silêncio é quase desumano, Hildinha.

HILDA: Silêncio nenhum, apenas não quero um “the end” onde é só um fim de capítulo. Quando eu morrer, eu prometo que apareço pra me despedir de você.

CAIO: E se eu morrer antes?

HILDA: Aí você que apareça pra me dar adeus. Tenha o mínimo de consideração com esta sua amiga.

CAIO: Combinado. E se eu estiver usando algo vermelho, é pra te sinalizar que está tudo bem.

Pausa.

HILDA: Me escreva de lá. Cartas são um ótimo exercício pra escrita. *(emendando-se)* Desculpe, você me inspira esse tom professoral. Acho que estou ficando velha. E sigo te tratando como o menino que chegou aqui e não como o homem que está partindo. *(pausa curta)* Me escreva! Conte como está a Europa. Se as pessoas de lá ainda leem, que vinhos tomam, como anda a arquitetura, quem são os novos escritores que ainda não chegaram aqui... De repente você até descobre algum editor interessado na literatura que se produz nestes poços tropicais, quem sabe?!

CAIO: E você me mantenha informado de tudo que acontece neste lugar mágico.

HILDA: Não conte com isso. Eu tenho preguiça de escrever cartas, prefiro recebê-las. Não me olhe assim! A idade permite que a gente se dê direito a um pouquinho de egoísmo e hipocrisia. Só um pouquinho.

CAIO: Vou te cobrar mesmo assim.

HILDA: Eu sei.

Pausa.

CAIO: Bem, já que nem um abraço posso te dar, vou pro meu quarto. *(vai sair)*

HILDA: Quem disse que não pode me dar um abraço? O que não quero é cerimônia de despedida.

Caio para, já quase fora do palco, e se volta para Hilda. Ela abre os braços. Ele sorri e vem andando em direção a ela, enquanto a luz cai em resistência até atingir a escuridão antes de eles se tocarem.

FIM

Outono/inverno de 2021